

Sinto-me só, mais do que nunca, ainda que sempre o tivesse estado.

Sempre.

Uma noite dos meus quinze anos dei comigo a chorar. Não sei já qual foi o caminho que me conduziu às lágrimas, tudo vai tão longe, perdido na fita branca do passado. Só me recordo de que o pai me ouviu e se levantou. Sentou-se ao de leve na borda da minha cama, pôs-se a acariciar-me os cabelos, quis saber o que eu tinha.

— Estou só, pai. Não é mais nada. Dei porque estava só e isso pareceu-me... Que parvoíce, não é? Estou agora só! E tu então?

Tentei rir a tapar-me, já arrependida da franqueza, mas ele não colabou e isso salvou-o da raiva que eu havia de lhe ter na manhã seguinte. Não seriu e a sua voz, quando veio, era muito doce, quase triste.

— Também deste por isso — disse brandamente.

— Também deste por isso. Há gente que vive setenta e oitenta anos, até mais, sem nunca se dar conta. Tu aos quinze... Todos estamos sózinhos, Mariana. Sózinhos e muita gente à nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós. Ninguém pode. Ninguém queria, se pudesse. Nem uma esperança.

— Mas tu, pai...

— Eu... As pessoas que enchem o teu mundo são diferentes das do meu... No fundo é muito provável que algumas delas sejam as mesmas, mas aí está, se

fosse possível encontrarem-se não se reconheciam nem mesmo fisicamente... Como havemos de nos ajudar? Ninguém pode, filha, ninguém pode...

Ninguém pôde.

Nem o meu pai, que, coitado, havia de morrer poucos meses depois, nem mais tarde o António e depois o Luís Gonzaga. A minha vida é como um tronco a que foram secando todas as folhas e depois, um após outro, todos os ramos. Nem um ficou. E agora vai cair por falta de seiva.

A criada, a Augusta, leva os dias a soltar suspiros imensos, redondos. Depois exclama: Quem me dera morrer! Mas é uma mulher gorda e sandável, muito risonha, com um gosto pronunciado, que não esconde, pelos polícias. As palavras dos seus suspiros são sem sentido. Ela não tem como eu pesadelos de escuridão e de terra pesada. Ela não sabe, e mesmo que o saiba, acha pueril pensar em tal coisa, que há-de nascer dela vermes para a devorar. Ela não viu como eu vi aquele monte de terra sobre a campaa do meu pai. A terra dos covais que estavam a abrir ao lado. Do meu pai que meses antes ainda me passava a mão quente pelos cabelos. Ninguém pode, filha, ninguém pode.

Não o acreditei porque era uma rapariguinha e esperava muitas coisas da vida. Tantas que já nem me lembro quais elas eram. Sentia-me só mas sabia que não seria sempre assim. Tinha a certeza disso.

Tinha voltado a tomar gardenal numa noite de bebedeira e andava agora muito com o médico que a tratara, o Jean-Claude. O Garibaldi...

O António sorria-lhe as palavras.

Veio mais vezes. Eu precisava de os ver. Sentia necessidade da presença de ambos. Olhava-os, e era estranho, sentia-me extremamente calma.

A Lúcia, que aparecia quase todos os dias, disse-me sem rodeios:

— Mariana, o teu marido engana-te.

— Engana-me, que horrível expressão. O António nunca pretendeu enganar-me. Ainda me não disse tudo, porque eu tenho fugido a uma explicação desagradável. Só por isso.

— E estás resolvida a continuar a fugir-lhe, a essa explicação?

— Suponho que sim. Espero pelas palavras do António.

— Podes esperar sentada.

— Será óptimo se assim for. Mas estou quase certa de que elas não-de vir.

A Lúcia franziu a testa sem compreender.

— E ainda convidas essa grande... (Estacou à beira da palavra feita como estacara na vida à beira de tudo o que lhe parecia inconveniente) — Ainda a convidas para ela se atirar ao TEU MARIDO? Na TUA CASA?

De indignada, falava em maiúsculas. A Lúcia possuía um instinto de propriedade demasiado desenvolvido, quase medieval. Tinha um tio-avô condenado a arruinado, talvez fosse por isso. Várias vezes tentei

mostrar-lhe o exagero da sua maneira de ver, mas a Lúcia não queria ou não podia compreender-me. Creio que não podia. Logo em pequena recebeu da mãe um certo número de opiniões infalíveis que há-de legar aos filhos, integralmente, ainda enriquecidas com os haveres do marido nesse capítulo.

Como estará agora a Lúcia? Nesse tempo já prometia muito. Para ela o *meu* marido era um homem que me pertencia do corpo e alma e a *minha* casa uma espécie de fortaleza inexpugnável donde eu podia lançar pedregulhos ou azeite a ferver sobre os assaltantes eventuais. Não reparava, a pobre Lúcia, que o possessivo é na maioria dos casos puramente ornamental.

Fomos passar um fim de semana a Gouveia porque o pai do António se sentia doente. Afinal não era nada de grave, já o encontrámos levantado, a trabalhar como sempre e preocupado porque as oliveiras tinham pouca flor. O dia estava bonito e fomos dar um passeio. O António, já não sei porquê, talvez unicamente para não falar, para preencher umas horas que era preciso ocupar com qualquer coisa, resolveu tirar fotografias. Lembro-me de que me encostei a uma árvore e de que tinha os braços escorridos ao longo do tronco. Houve um estalido e eu estremei.

— Acabou — disse soltando os braços.

— Que foi que acabou? — perguntou ele com voz fraca, insegura.

— Não sei, qualquer coisa. Estava a olhar para ti e sentia-me bem como estava. Bem, apesar de tudo.